

# CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA E O USO ESTILÍSTICO DOS PREFIXOS

CONSIDERACIONES SOBRE LA HISTORIA Y EL USO ESTILÍSTICO DE LOS PREFIJOS

CONSIDERATIONS ON THE HISTORY AND THE STYLISTIC USE OF PREFIXES

**Antonio Carlos Silva de Carvalho\***

Universidade Cruzeiro do Sul

RESUMO: O escopo deste artigo é discutir os prefixos sob uma perspectiva histórica e procurar divisar neles nuances de valor estilístico. Tal recorte temático se deu, basicamente, por dois motivos: (i) as considerações tecidas por Martins (2003) quanto à baixa produtividade estilística propiciada pela derivação prefixal – especialmente, se comparada à derivação sufixal; e (ii) as considerações feitas por Silva (2009) sobre a chamada linguagem do *des-*, da negatividade, em Manoel de Barros. Num primeiro momento, fizemos uma breve incursão histórica de viés etimológico acerca dos prefixos; depois, submetendo as reflexões a que chegamos a um *corpus* pontual do autor, destacamos exemplos em que traços de natureza morfoestilística, que concorrem para a singularização de sua obra, também vinculada à estética do fragmentário e aos seres mais ínfimos, podem ser explorados.

PALAVRAS-CHAVE: Prefixação. Etimologia. Léxico. Expressividade. Manoel de Barros.

RESUMEN: El objetivo de este artículo es discutir los prefijos desde una perspectiva histórica y discernir en ellos matices de valor estilístico. Este recorte temático se ha dado, fundamentalmente, por dos motivos: (i) las consideraciones expuestas por Martins (2003) sobre la baja productividad estilística proporcionada por la derivación prefijal – especialmente, en comparación con la derivación sufixal; (ii) las consideraciones expuestas por Silva (2009) sobre el lenguaje llamado de *des-*, de la negatividad, en Manoel de Barros. Al principio, hicimos una breve incursión histórica de sesgo etimológico sobre los prefijos, sometiendo, a continuación, las reflexiones a las que llegamos a un corpus puntual del autor, destacamos ejemplos en los que rasgos de naturaleza morfoestilística contribuyen a la singularización de su obra, también vinculada a la estética de lo fragmentario y a los seres más ínfimos, pueden ser explorados.

PALABRAS CLAVE: Prefijación. Etimología. Léxico. Expresividad. Manoel de Barros.

---

\* Pós-Doutorando pela Universidade Cruzeiro do Sul (São Paulo). Bolsista da CAPES. Doutor em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo (USP). Pesquisador do Departamento de Linguística e membro do Grupo de Estudos Estilísticos - Unicsul. E-mail: [carloscarval@yahoo.com](mailto:carloscarval@yahoo.com).

ABSTRACT: This paper aims to discuss prefixes from a historical perspective, as well as to observe nuances of stylistic value in them. The choice of subject was basically due to two reasons: (i) the considerations set out by Martins (2003) on the low stylistic productivity caused by prefixal derivation – especially if compared to suffixal derivation; and (ii) the considerations set out by Silva (2009) on the so-called *de*-language, of negativity, in Manoel de Barros. At first we worked on a brief historically and etymologically-oriented incursion on prefixes; and then, subjecting the reflections we gathered to a punctual corpus by the author, we highlighted examples in which features of the morpho-stylistic nature that contribute to the singularity of his work, also linked to the aesthetics of the fragmentary and to the smallest beings, can be explored.

KEYWORDS: Prefixing. Etymology. Lexicon. Expressivity. Manoel de Barros.

## 1 INTRODUÇÃO

Parte de um trabalho maior que estamos desenvolvendo sobre Manoel de Barros, nosso objetivo no presente artigo é verificar nuances suscitadas a partir do uso de prefixos na formação de palavras e observar parcialmente como as experiências lexicais baseadas nesse recurso se constituem efeitos de sentido na obra desse autor. Assim, partindo das considerações de Martins (2003) quanto à baixa produtividade estilística propiciada pela derivação prefixal, apresentamos certas considerações de teóricos da estilística que nos levaram a um percurso de caráter etimológico, passando pelo grego e pelo latim, acerca dos prefixos. Em seguida, levando em conta as conclusões a que chegamos e a associação feita por Silva (2009) entre o poeta e a chamada linguagem do *des-*, da negatividade, buscamos identificar, num *corpus* pontual dele, ocorrências dos prefixos destacados pela autora, com vistas a comprovar, à guisa de exemplificação, traços estilísticos que concorram para a singularização da poesia barreana, também associada à estética do fragmentário e aos seres mais ínfimos.

Logo ao iniciar a explanação sobre a estilística morfológica, Martins (2003) expõe o parecer de Melo (1976), que se mostra contrário à inclusão da morfologia nos estudos de estilística. Observemos o fragmento a seguir:

[...] apesar da importância da morfologia, ela talvez não dê margem a uma exploração por parte da Estilística. [...] Se se trata da estrutura dos vocábulos e de sua significação genérica, podemos levar longe a doutrina gramatical e a teorização lingüística, discutindo e firmando conclusões a respeito de raiz, radical, núcleo, tema, afixos, derivação, composição; classes de palavras; mudanças de classe. Mas, quando se trata de *escolha*, surge o problema do *emprego*, e então caímos na sintaxe. (MELO, 1976, p. 116, grifos no original)

Esse fragmento representa bem o posicionamento do autor, visto que explicita sua hesitação quanto ao papel da morfologia no âmbito da estilística; para ele, a já pouca mobilidade do sistema da língua na morfologia extrapola seus domínios e adentra os da sintaxe, por dizer respeito ao uso, ou seja, depende das relações com as outras palavras e das circunstâncias do discurso. De modo diverso, Martins (2003, p. 110-111) entende

[...] que os aspectos morfológicos da língua são muito importantes para a linguagem expressiva e que devem ser estudados, ainda que apareçam permeados com a semântica e a sintaxe. Aliás, que valores expressivos podem ser sentidos fora da frase ou do discurso, se é a frase a unidade do discurso, se só falamos por meio dela? Mas nem por isso a expressividade da frase ou do enunciado deixa de dever aos valores fônicos e mórficos.

Conforme observarmos, Martins sai em defesa dos estudos morfológicos como elementos de expressividade — questionando Melo, vez que o trecho se refere às palavras do filólogo —, pois entende que as alterações morfológicas com intenções expressivas só ocorrem em função do texto, intimamente associado à semântica — eventualmente à fonologia — e à sintaxe, mas ainda de caráter morfológico. Quanto ao nosso objeto de estudo central, afirma que

de natureza erudita (gregos e latinos), sendo de uso maior na linguagem científica ou culta. Ao contrário dos sufixos, os prefixos não mudam a classe das palavras a que se ligam, sendo menos intensa a alteração que acarretam. Mas os escritores criativos conseguem com eles formações originais e sugestivas [...]. (MARTINS, 2003, p. 120)

Nosso interesse aqui é menos especular sobre qual dos dois teóricos estaria, no nosso entendimento, mais próximo da razão, que apontar o fato de que o assunto não é isento de controvérsias. De qualquer modo, como vimos, ao falar da estrutura dos vocábulos, Melo (1976) menciona os afixos; já Martins (2003), ao abordá-los, destaca ser a derivação sufixal mais produtiva que a prefixal e que, todavia, bons autores sabem explorar os prefixos de maneira sugestiva e original, enfatizando novamente seu ponto de vista em favor da morfoestilística.

Ao expor como tal criatividade se materializa, Martins (2003) cita brevemente alguns autores que se valeram do recurso. Nós exploraremos Manoel de Barros, para quem o jogo com os prefixos constitui um *leitmotiv*. Ainda cabe dizer que, por se tratar de um afixo, em princípio, não seria fora de propósito abordarmos o sufixo; todavia, na prática, estaríamos indo além do esperado para um trabalho nos moldes do proposto.

## 2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE ESTILÍSTICA E ETIMOLOGIA

Em um estudo que se pretende meio teórico meio prático em torno de raízes eruditas, julgamos salutar recorrer à etimologia, sobretudo tendo em vista as palavras a seguir:

Os valores estilísticos da expressão (expressivos e impressivos) são a fonte de *efeitos de estilo*; alguns são *efeitos naturais*, ligados à natureza lingüística das formas: sons, forma, etimologia, estrutura etc.; outros são *efeitos de evocação*, decorrentes da associação dessas estruturas com as situações e os meios que as utilizam. (GUIRAUD, 1970, p. 97, grifos no original)

Esse fragmento, ao mesmo tempo em que reconhece a importância da etimologia para explicar fatos de estilo, também sugere o valor da morfologia para esse fim, corroborando a posição de N. S. Martins. No caso específico dos prefixos, por exemplo, com frequência, por estarem fossilizados junto ao radical, tornam-se de difícil percepção, daí permanecerem escondos a olhos desatentos, mascarando elementos textuais não raro significativos para a construção de sentido. Por outro lado, ainda no tocante à questão, temos que:

Grandíssimo é o número das palavras de todo em todo apartadas do seu primitivo significado e assim, o saber o que foram antes para aplicá-las como hoje são, traria em muitos casos uma perturbação para o espírito em vez de uma vantagem.

Para aplicar bem uma palavra, basta conhecer-se o seu valor actual [...]. (BARRETO, 1980, p. 300)

Na passagem, M. Barreto alude a um problema perfeitamente plausível quando se trata de etimologia: a possibilidade de um termo ser empregado com certo grau de anacronismo, com significado desatualizado, deslocado no tempo, comprometendo a comunicação. É evidente que seu discurso exige relativização, pois de modo algum afirma ser contra valorar a origem histórica das palavras; apenas defende a importância de considerarmos que elas são passíveis de sofrer alterações semânticas que podem levar a um descolamento do significado inicial, podendo até assumir significação contrária ao de sua origem, restando como forma de ligação com o passado o refazimento — passo a passo, com atenção a outras forças que participam do processo, como as leis fonéticas, a ação da analogia etc. — de seu percurso histórico.

Feitas essas ponderações, faremos incursões em busca de minúcias relativas aos prefixos que possam auxiliar em nossa apreciação do *corpus*. Assim, reunimos o que se nos afigurou relevante e cabível para a empreitada, com a finalidade precípua de apreender elementos de conteúdo morfoestilístico.

### 3 BREVE PERCURSO HISTÓRICO ACERCA DOS PREFIXOS

Por inúmeras razões, não foi nosso propósito apresentar um estudo exaustivo dos prefixos, na mesma proporção em que não pudemos deixar de comentá-los; assim, selecionamos certos autores que, em algum momento, discorreram sobre o assunto e fomos juntando elementos que nos pareceram significativos; sempre que possível, seguimos a ordem cronológica dos autores, mas, quando a necessidade exigiu, deixamos esse critério de lado. Começamos por Saussure (1975, p. 210, grifos no original), que afirma:

[...] O indo-europeu primitivo não conhecia as preposições; as relações que estas indicam eram indicadas por numerosos casos, providos de grande força significativa. Não existiam tampouco verbos compostos por meio de preverbos, mas apenas partículas, palavrinhas que se acrescentavam à frase para precisar e matizar a ação do verbo. Assim, nada que correspondesse ao latim *ire ob mortem*, “ir diante da morte”, nem a *obire mortem*; ter-se-ia de dizer *ire mortem ob*. Esse é ainda o estado do grego primitivo: 1º *óreos bainō káta*; *óreos bainō* significa por si só “eu venho da montanha”, tendo o genitivo o valor do ablativo: *káta* acrescenta o matiz “descendo”. Numa outra época, teve-se 2º *katà óreos bainō*, em que *katà* desempenha o papel de preposição, ou ainda 3º *kata-bainō óreos*, por aglutinação do verbo e da partícula, que se tornou preverbo.

Texto muito pertinente. Por meio dele, Saussure nos oferece um retrato diacrônico em que expõe três estágios de natureza sintática referentes à língua grega — quanto ao latim, provavelmente pelo fato de o fenômeno se dar tal qual no grego, limitou-se a apenas registrar o exemplo — com relação aos preverbos, um tipo de prefixo, tendo o último estágio já se caracterizado formalmente como de natureza morfológica.

Tecendo comentários sobre o fragmento, temos que o indo-europeu primitivo não conhecia as preposições; as relações que elas indicam eram expressas pelos casos — “Categoria gramatical de flexão que mostra a função sintática do nome [...]” (JOTA, 1976, p. 59) —, os quais tinham grande força significativa. Havia casos no indo-europeu, no latim, no grego antigo — como há no grego moderno, no russo, no alemão etc. —, mas, com o enfraquecimento dos casos, deu-se, no grego primitivo — nessa época, o indo-europeu, tronco linguístico de origem comum, já havia desaparecido —, dependendo da colocação do advérbio, o surgimento de uma nova espécie de palavras: as preposições. Assim, na construção 1º *óreos bainō káta*, literalmente, “da montanha venho para baixo”, *káta* desempenha o papel clássico de advérbio — coloca-se após o verbo, precisando seu significado, e está ligado ao substantivo no genitivo *óreos* “da montanha” (de ὄρος, εος-ους (τὸ) “montanha”, em que o tema nominal neutro ὄρο recebe a desinência de genitivo ος), reiterando o valor espacial sugerido pela desinência de genitivo *os*. Já numa construção posterior, 2º *katà óreos bainō*, literalmente, “para baixo da montanha venho”, em que *katà* se coloca antes do substantivo, observamos que a noção de ponto de partida sugerida pela marca de genitivo de *óreos* “da montanha” se enfraquece e *katà* passa a exprimi-la; temos, nesse caso, *katà* assumindo a função de preposição. Ainda, em 3º *kata-bainō óreos*, literalmente, “para baixo venho da montanha”, temos como resultado a partícula colada ao verbo e criando um preverbo, logo, um tipo de prefixo, uma estrutura morfológica advinda de alteração na estrutura sintática.

Claramente, podemos identificar no caso um fenômeno de gramaticalização, segundo o que diz A. Castilho (2010, p. 138); vejamos:

A gramaticalização é habitualmente definida como um conjunto de processos por que passa uma palavra, durante as quais (i) ela ganha novas propriedades sintáticas, morfológicas, fonológicas e semânticas; (ii) transforma-se numa forma presa; (iii) e pode até mesmo desaparecer, como consequência de uma cristalização externa [...].

De fato, é possível visualizar fases distintas de gramaticalização do *katá*, por exemplo, na passagem de advérbio para preposição; quanto à noção de forma presa, Carone (2004, p. 31, grifos no original) afirma “[...] *formas presas*, aquelas que não são suficientes para, sozinhas, constituírem um enunciado [...]”, e aponta o prefixo como um exemplo desse tipo de categorização, ou seja, outra fase de gramaticalização do *katá*, de preposição para prefixo, o que vai ao encontro da proposição de Castilho. Complementando o fragmento de Saussure, apresentamos este, de R. C. Romanelli (1964, p. 15):

O Indo-Europeu comum, de cujo desenvolvimento resultaram importantes unidades lingüísticas, como o Índico, o Iraniano, o Grego, o Germânico, o Báltico, o Eslávico e, sobretudo, o Itálico, de que mais tarde se formou o Latim, apresentava, entre outras notáveis peculiaridades, a de não admitir qualquer forma de prefixação ao elemento radical, salvo o redôbro verbal, de caráter gramatical, ou o redôbro nominal, de caráter expressivo. A palavra indo-européia constituía-se, fundamentalmente, de três elementos: a raiz, o sufixo e a desinência. O processo normal, portanto, de formação das palavras era a derivação, jamais a composição [Referimo-nos aqui, é claro, à composição por prefixação]. Só muito mais tarde surgiria o prefixo, como uma inovação no quadro geral das línguas indo-européias.

Da análise de algumas sobrevivências, [...] parece-nos lícito concluir que os prefixos, em suas mais remotas origens, devem ter sido antigas formas casuais, sobretudo de valor locativo e instrumental, que, destacadas do sistema de flexão nominal, acabaram por fixar-se, no Indo-Europeu, como advérbios de sentido concreto [...].

Esse excerto nos permite situar a origem dos prefixos, já parcialmente comentada quando vimos o fragmento de F. Saussure. As observações concernentes ao indo-europeu servem para contextualizar o tema e para demonstrar como está longe no tempo a origem da questão.

Quanto aos redobros verbal e nominal, temos o redobro — também chamado de reduplicação — definido por Z. S. Jota (1976, p. 284-285, grifos no original) como

s. m. Processo morfológico que consiste na repetição parcial ou total da palavra, a fim de evidenciar algum acidente gramatical, lexical ou expressivo. No lat., via de regra, é a consoante do tema seguida de e; caracteriza o perfeito, com certa freqüência: *cecini* (de *cano*), *cecidi* (de *cado*), *pepigi* (de *pango*), *tetigi* (de *tango*), *fefelli* (de *fallo*), *spopondi* (de *spondeo*), *steti* (de *sto*), *pependi* (de *pendo*). [...] Em port., na linguagem infantil: *papai*, *mamãe*, *titio*, *vovó*, *vovó*, *pipi*. Também os apelidos com certo conteúdo de carinho: *Zezé*, *Lulu*, *Totônio*, *Ninico* [...].

Seguindo a ordem dos verbos latinos citados, temos: “cantei”, de “canto”; “caí”, de “caio”; “fixei”, de “fixo”; “toquei”, de “toco”; “escondi”, de “escondo”; “prometi”, de “prometo”; “persisti”, de “persisto”; “ponderei”, de “pondero”. No caso do redobro verbal, aquilo que pode ser identificado como acidente gramatical não figurará como marca de estilo, todavia não podemos negar a expressividade do redobro nominal, que pode sugerir carinho ou ironia. Não obstante, esse assunto foi colocado em segundo plano aqui, já que o autor trata do tipo de prefixo que não havia na época; então, voltando ao tema, observamos que originalmente os prefixos são antigos advérbios, e, com o desaparecimento do indo-europeu e sua conseqüente transformação em inúmeras outras línguas, foram, graças a alterações na estrutura frásica delas – ora pospondo-se, ora prepondo-se ao nome ou ao verbo –, se fundindo ao radical das palavras, deixando de ser partículas soltas e se aglutinando, criando novas palavras – um fenômeno de natureza sintática no âmbito da frase incidindo sobre a morfologia no âmbito do vocábulo –, conforme vimos em F. Saussure.

Sobre as antigas formas casuais de valor locativo e instrumental de que fala o autor, convém fazermos uma interpolação encabeçada por estes dois excertos:

Locativo - responde à pergunta **onde?** A referência é sobre o lugar em que se está ou em que se comete um ato; é estático, concreto, espacial: responde à questão “onde?”,  $\pi\omicron\upsilon\delta$ ; em grego, e **ubi?** em latim.

A idéia de espaço se transfere (metáfora) para a idéia de tempo, também estático, isto é, um espaço, um momento do tempo.

O uso da preposição se faz necessário sempre que se quer enfatizar ou precisar o espaço.

Nas relações de tempo seu uso é menos freqüente.

Há sobrevivências do locativo indo-europeu em -i em latim e em grego, como:

*domi em casa* [...]

Ἐν νυκτὶ βουλὴ τοῖς σοφοῖσι γίγνεται

*De noite* (na noite) o conselho acontece aos sábios. (MURACHCO, 2001, p. 111, grifos no original)

Instrumental: exprime o meio ou o instrumento com que um ato é cometido.

Ele tem sua origem na questão  $\pi\acute{\omicron}\nu$ : “por onde, por que?” [...].

Essa idéia de *passagem do ato verbal* contida na questão  $\pi\eta$  prevaleceu a tal ponto que a expressão de trânsito, percurso, travessia, passou a ser expressa pela preposição  $\delta\acute{\iota}$  em grego e *per* em latim [...]. (MURACHCO, 2001, p. 113, grifos no original)

Observando bem, tudo aparece aí: os resquícios do indo-europeu nos exemplos de antigas formas casuais, como o *-i* que é marca de locativo — caso indicativo do lugar em que se processa a ação verbal — da expressão latina com valor adverbial *domi* “em casa”; o uso da preposição  $\epsilon\nu$  “em” no sintagma adverbial grego  $\epsilon\nu \nu\omicron\kappa\tau\acute{\iota}$  “De noite” (“na noite”), cujo núcleo semântico repousa no substantivo feminino  $\nu\acute{\upsilon}\xi$  “noite”, ou seja, observamos uma construção em que o locativo, indicado pelo  $\grave{\iota}$  “i”, vem acompanhado de preposição  $\epsilon\nu$  “em”; e encontramos, já em português, resquícios morfológicos do instrumental — caso próprio do meio, do instrumento da ação —, na medida em que palavras como “percurso” e “diálogo”, *verbi gratia*, compostos nominais criados a partir da adjunção de um prefixo a um substantivo, conservam o sentido de “meio”, de “por onde”, próprio do antigo caso indo-europeu, justamente na parte da palavra que pode ser com facilidade identificada como prefixo.

Tanto Murachco quanto Romanelli se referem aos advérbios como sendo concretos. Isso se explica pelo fato de que, por serem palavras nocionais, têm significação externa, exprimem conceitos, em oposição às palavras relacionais, as quais são instrumentos gramaticais, como as preposições, que são abstratas, servem para relacionar sintaticamente as palavras nocionais (cf. JOTA, 1976, p. 250).

Discorrer sobre os excertos de Saussure, Romanelli e Murachco se nos afigurou necessário também porque a evolução envolvendo elementos adverbiais antepostos aos nomes, como preposições, e aos verbos, como prevérbios, resultou em “dois tipos de prefixos – o prevérbio [para alguns, preverbo] e o prenome – e, conseqüentemente, dois tipos de composição – a composição verbal e a composição nominal” (ROMANELLI, 1964, p. 16), constituindo-se em elemento que enriquece a nossa pesquisa, na medida em que especializa mais nosso objeto de análise. Sobre os tipos de prefixo, o autor havia discorrido páginas antes em seu livro, quando definia o termo; observemos:

2. O termo prefixo é aqui tomado em sua acepção clássica de elemento morfológico preposto a uma forma verbal ou nominal. Registra-se, entre nós, é certo, a tendência para substituir a denominação de prefixo pela de prevérbio. Advirta-se, todavia, de que prevérbio é um tipo particular de prefixo — é o prefixo preposto a uma forma verbal. Tal é, pelo menos, a discriminação feita pelos mestres europeus, segundo se lê em obras especializadas. (ROMANELLI, 1964, p. 5)

Como podemos ver, Romanelli propõe uma definição desse afixo a que chama de clássica, “elemento morfológico preposto a uma forma verbal ou nominal”; certamente, por estar ciente de que os linguistas não são unânimes quanto à definição do termo, daí optar por uma definição abrangente. Vejamos duas opiniões discordantes relativas a um caso particular, a primeira, de Graça (2005, p. 189, grifos no original):

O prefixo português *a* pode ser significativo ou meramente expletivo. No primeiro caso exprime uso, emprego, forma, imitação, aumento, intensidade, extensão, destino, tendência, exercício de atividade num certo sentido, etc. No segundo o *a* é expletivo; adiciona-se inicialmente à palavra por eufonia ou ênfase e constitui uma simples variedade de forma.

A outra, de Figueiredo (1910, p. 219, grifos no original):

[...] o *a* inicial de *abaixar*, considerado *prefixo* pelo autor, não o é, porque não altera a significação da palavra a que se junta: *baixar* e *abaixar* são duas formas divergentes do mesmo vocábulo, *juntar* e *ajuntar*, *levantar* e *alevantar*, *grupar* e *agrupar*, *presentar* e *apresentar*, etc.

Logo o *a*, em tais casos, não é *prefixo*: é uma *prótese* ou um *a* protético.

As posições são antagônicas, pois Figueiredo vê no prefixo uma partícula que, necessariamente, “altera o significado da palavra a que se junta”, condição não necessária na visão de Graça; por si só, esse embate justifica a postura de Romanelli, além de fazer pensar sobre o problema. O fato é que a discussão entre Graça e Figueiredo foi acalorada, com argumentos pertinentes de um lado e outro.

O último ponto que incluímos neste item destinado a tratar de aspectos etimológicos extraímos de Rocha Lima (1982, p. 173-174):

Muitos autores (Bourciez, Garcia de Diego, José Joaquim Nunes, Ribeiro de Vasconcelos, J. Mattoso Camara Jr., etc.) consideram a prefixação caso de composição. Outros (Meyer-Lübke, Brunot, Dauzat, Nyrop, Grandgeant, Sweet, Said Ali, Antenor Nascentes, etc.) a incluem entre os processos normais de derivação. Adotamos este último critério.

Conforme vemos, da perspectiva da metalíngua, estamos diante de outro senão em torno dos prefixos, compreendidos ora como elementos formadores de palavras por derivação (prefixal), ora por composição – segundo considerados sem ou com vida autônoma. Como as duas percepções são partilhadas por linguistas renomados – antigamente a tendência era categorizar as palavras formadas por prefixo como compostas, já hoje a tendência é serem categorizadas como derivadas por prefixação, mas mesmo assim não existe unanimidade entre os gramáticos. É forçoso reconhecer ser nebuloso o limite entre os dois processos de formação de palavras. Entretanto, não é nosso escopo direcionar o assunto para esse lado – a esse respeito, Said Ali, um dos pioneiros gramáticos brasileiros a sistematizar o estudo dos prefixos, ao discorrer sobre os processos de formação vocabular, inclui os prefixos entre os processos de derivação, conforme assinala Rocha Lima, mas reconhece não estar clara “a fronteira entre a derivação prefixal e a composição” (SAID ALI, 1964, p. 229). Assim, terminada a incursão à guisa de etimologia, voltamos aos prefixos propriamente ditos, atentos ao que encontramos em fontes diversas – como dicionários, gramáticas e afins –, procurando perscrutar o tratamento dispensado a eles pelos autores, com o objetivo de, se possível, acrescentar algo ao que se tem dito sobre o poeta Manoel de Barros.

#### 4 OS PREFIXOS E A LÍNGUA DO *DES-*, DA NEGATIVIDADE, EM MANOEL DE BARROS

Como é natural, os prefixos conservam latentes significados que remontam a sua origem paralelamente aos que adquirem em seu percurso; logo, dependendo, por exemplo, do momento em que está sendo empregado um prefixo, determinado conjunto de semas despontará com mais carga significativa que outros, em função do que se deseja expressar, mantendo as outras possibilidades semânticas como que em repouso, mas não necessariamente anuladas. Esses matizes semânticos podem vir a ser explorados com criatividade pelos autores de que fala Martins (2003), ao lançarem mão, *verbi gratia*, do caráter erudito dos termos. Assim, procuramos apontar sutilezas que às vezes se ocultam por trás da aparente simplicidade formal dos prefixos – vale lembrar que há leis fonéticas que regem a conformação dos prefixos junto às raízes ou às palavras, mas nosso objetivo não é discuti-las, apenas eventualmente apontá-las, mesmo porque outros fatores também atuam no processo.

O sistema de prefixos da língua portuguesa tem sua origem grega, latina ou vernácula, que são os prefixos latinos com a forma modificada, conforme podemos ver na lista seguinte, de Pereira (1944, p. 196, grifos nossos), que traz a forma vernácula e a latina, respectivamente: *bene* “bem”, *in* “em”, *inter* “entre”, *male* “mal”, *sine* “sem”, *sub* “sob”, *subtus* “soto”, *super* “sobre”, *tris* “três”. Normalmente, a indicação de origem erudita é suficiente. Todavia, a necessidade impõe considerarmos o registro de Pereira, em razão de que se nos afigura relevante apontar os prefixos em todas as suas manifestações, inclusive nas que a consciência linguística comum já não os pode identificar, de tão fossilizados, pois aí repousa a base de nossa argumentação.

Assim, destacamos certos prefixos e focamos palavras associadas ao universo poético de Manoel de Barros, isto é, palavras que apontam para a chamada linguagem do *des-*, da negatividade, contextualizando-as ou, melhor dizendo, remetendo à autora do texto selecionado, pois, conforme sinalizamos no início, partimos de análise consolidada, da qual nos servimos para ajudar em nossas reflexões concernentes aos prefixos. Com isso em mente, extraímos o seguinte fragmento, em que Silva (2009, p. 544-545) tece comentários sobre a poética barreana:

[...] O poeta pantaneiro quase que se limita a criar suas palavras novas por dois processos: o deslocamento da classe gramatical da palavra — verbalizar um adjetivo ou substantivo, por exemplo, como em “imensam”, “analfabetam”, “monumentar”, “embostando” — e o acréscimo de prefixos, especialmente do prefixo ‘des’ — como em ‘despalavra’, ‘desherói’, ‘deslimites’, ‘desutilidades’, ‘desbrincar’, ‘desobjeto’, ‘desacontecido’, ‘descomeço’, ‘dessaber’. Este último processo, que é bastante recorrente no poeta, coloca-o em afinamento com uma característica comum na lírica moderna: a negatividade. A poética do ‘des’- faz prevalecer o signo do ‘não’. Há uma variedade de signos que conotam negatividade, pequenez, coisa ínfima, insignificante nos poemas de Barros.

A autora menciona dois mecanismos utilizados por Barros em suas criações lexicais, relacionando o segundo deles ao acréscimo de prefixos. Todavia, dos quatro termos que arrola no primeiro grupo, o do “deslocamento da classe gramatical”, três apresentam prefixos em sua constituição, algo significativo. Observe-se que os termos “imensam” e “embostando” trazem o mesmo prefixo “in” — com as respectivas adaptações fonéticas –, este, na forma vernácula “em”; aquele, mais próximo da forma latina “i” — em “imensam”, forma verbal criada a partir do adjetivo “imenso”, o prefixo aparece tão fossilizado, que tende a passar despercebido. Entretanto, um cotejo com alguns de seus congêneres portugueses mais próximos permite vislumbrar o prefixo “in” sem a necessidade de recorrer ao latim; vejamos o que diz Houaiss (2009):

*imenso* adj. (c 1543) 1 impossível de medir ou contar; desmedido, ilimitado 1.1 de grande tamanho, enorme [...] (p. 1049).

*imensidade* s. f. (1643) 1 qualidade ou característica do que é imenso [...] (p. 1049).

*imensurável* adj. 2 g. (1702) que não se pode medir, não mensurável [...] (p. 1050).

*mensura* s. f. (1552-1570) 1 *ant.* ato ou efeito de medir ou mensurar [...] (p. 1274).

*mensurado* adj. que se mensurou 1 que se mediu; medido [...] (p. 1274).

*mensurar* v. (1670) 1 t. d. determinar as dimensões de ou ter por medida; medir [...] (p. 1274).

*mensurável* adj. 2 g. (1836) passível de ser mensurado; comensurável, medível [...] (p. 1274).

*comensurável* adj. 2 g. (1789) que tem ou admite medida comum 1. 1 passível de ser comensurado; que pode ser medido, determinado, verificado, mensurável [...] (p. 499).

*incomensurável* adj. 2 g. (1789) 1 que não tem medida comum com outro [...]. (HOUAISS, 2009, p. 1065)

O emparelhamento dos verbetes evidencia que, mesmo no português, o termo “imenso” traz um prefixo colado ao radical, portanto, “imensam” apresenta duas características próprias da poética barreana: o “deslocamento da classe gramatical” e o uso do prefixo privativo “in”, o qual está inextricavelmente associado à língua do “des-”, associada por Silva (2009), dentre outros, a Manoel de Barros. Falando de modo diverso, no tocante a “imensam”, ao se valer do “deslocamento da classe gramatical”, ele também dissemina a outra prática poética.

No jogo linguístico que constrói envolvendo os prefixos, por vezes, o poeta se vale das diferentes facetas que apresentam, e o prefixo “in” oferece muita margem para exploração — no caso de “embostando”, acresce-se a criação lexical envolvendo termos chulos, frequentes e usados com naturalidade na obra. Vejamos as palavras de Lapa (1970, p. 83, grifos no original) sobre o prefixo “in”:

5. *IN, EN (EM)*. Também com êstes dois prefixos se dão certas confusões; mas, evitadas já pela escrita, afetam sobretudo a língua falada. O prefixo *in*, que, para efeitos fonéticos, segue as normas do prefixo *com*, tinha no latim as significações que conserva em português — idéia negativa: *inútil, infeliz, impróprio*, etc. e sentido de direção, movimento para dentro: *irromper, ingerir, implantar*.

Com êste segundo sentido, a linguagem corrente e popular converteu normalmente o *in* no prefixo *en, em*. Assim: *embarcar, encovar, enterrar*. De modo que o prefixo *in* é hoje empregado normalmente para formar antônimos e, com a segunda significação, palavras mais ou menos literárias: *incorporar, imbricar, invólucro, incinerar, ingurgitar, intumescer*. Não é pois de estranhar que, a par destes termos, escrevamos ou possamos escrever as formas menos cultas: *encorporar, embricar, envólucro, encinerar, engorgitar, entumecer*.

Primeiramente, cabe ressaltar que o “in” com sentido privativo, como no adjetivo inquieto, e o “in” com sentido de movimento para dentro, penetração, como no substantivo abstrato imersão, são termos convergentes, isto é, constituem caso de homonímia; logo, é

compreensível haver certas confusões. Manoel de Barros explora essa particularidade, segundo podemos divisar nos versos a seguir — de *O livro das ignoranças* - LI (1993)<sup>1</sup>:

De primeiro as coisas só davam aspecto  
 Não davam ideias.  
 A língua era **incorporante**.  
 Mulheres não tinham caminho de criança sair  
 Era só concha.  
 [...]  
 (BARROS, 2010, p. 318)

Tendo em vista a identidade formal de ambos os prefixos e os elementos de sentido privativo/negativo que estão no entorno, como “só”, “Não”, “não”, “só”, um em cada verso, criando um quiasmo e colocando o termo “incorporante” no centro, num verso isolado, o autor faz um jogo sutil, pois, embora “incorporante” sugira a língua do “des-”, devido ao prefixo “in-”, na verdade, seu sentido é positivo, vez que traz em seu bojo a ideia de dar corpo à língua; logo, não se trata de negação, mas de afirmação. Temos um caso de antilogia.

Outros elementos há aí, como: a alusão ao texto bíblico (João: 1) “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus” (BÍBLIA SAGRADA, 1941, p. 949), possível a partir do verso “De primeiro as coisas só davam aspecto”, que, além de ser o verso primeiro do poema, tal qual o versículo de João, que é o primeiro de seu Evangelho, trata do princípio das coisas; a antítese dos versos um e dois, entre “aspecto” e “idéias”, que substituem o clássico binômio “forma” e “conteúdo”; o ritmo abrupto dos versos dois e cinco, em oposição aos versos um e quatro, deixando justamente o verso três, aquele que traz o termo “incorporante”, num ritmo diferenciado em relação aos dois conjuntos; a semântica das palavras “caminho” e “concha”, que aponta para o ritmo de seus respectivos versos, vez que “caminho” ocorre num verso longo, “aberto”, enquanto “concha” ocorre num verso curto, “fechado”. Enfim, o trecho de Manoel de Barros vai ao encontro do que diz Micheletti (1997, p. 163, grifo no original) no fragmento a seguir:

A significação contida no signo poético revela-se motivada, ou seja, o significante praticamente gera a significação. Diferentemente da linguagem comum que visa a informar e/ou convencer através de argumentos de ordem racional, a poesia também apela, visando a um convencimento do interlocutor, mas o faz pelo sentimento, pela emoção. Para isso vale-se à exaustão de recursos da linguagem, especialmente da repetição que inculca valores e crenças e, de certo modo, cria uma atmosfera propícia ao acolhimento de um tema, o leitor deixa-se conduzir pelos sons, pelo ritmo, pela musicalidade ou pela atração visual. Ele é *tocado* pela percepção sensorial.

De fato, as palavras de G. Micheletti parecem traduzir o efeito que os versos do poeta pantaneiro têm o poder de causar no leitor. Quanto aos efeitos fonéticos semelhantes ao prefixo “com” a que se refere Lapa (1970, p. 82, grifos no original), vejamos o que ele próprio comenta a respeito:

3. *COM*. Antes de vogal e de *l*, *m*, *n* e *r*, perde o elemento nasal (*m*): *coevo*, *colaborar*, *comigo*, *conexão*, *correspondência*. Ainda hoje já quem na leitura e até na escrita procure reconstituir a forma antiga: *cômigo*, *correspondência*. É o instinto etimológico em ação. Trabalho inútil: perdeu-se já a consciência do prefixo, e as palavras são tidas como simples, de uma só unidade.  
 Hoje, a forma *com* só se usa antes de *b* ou *p*: *combatente*, *compaixão*. Há para isso uma razão fonética: os fonemas *b* e *p* labiais, procuram ter ao pé de si um fonema da mesma natureza; por isso se conserva o *m* também labial. Já quando *com* tem depois outro fonema, adota a forma *con*: *confiança*, *conterrâneo*, *convivência*.

Como podemos concluir após a disposição dos dois fragmentos, os alomorfes do morfema “in” expressam acomodações gráfico-fonéticas resultantes da observância dos efeitos produzidos pela junção dele, prefixo, com o radical da palavra; falando de outro modo, trata-se de questão muito relacionada ao aparelho fonador — de maneira mecânica, naturalmente, ocorre o mesmo com o

<sup>1</sup> Visto que utilizamos uma edição que contém a poesia completa do autor, publicada em um único volume em 2010, para facilitar a identificação da fonte, na primeira vez que destacamos um verso de determinado livro, indicamos seu nome, suas iniciais e o ano da publicação; nas demais vezes, só as iniciais. Também, destacamos em negrito as palavras em foco nas citações.

prefixo “com”. Tomando como exemplo “imenso”, do latim *immēnsūs* (de *im = in e mensus*) (SARAIVA, 2006, p. 576), temos, ainda no latim, uma assimilação na passagem do *n* para *m*, por influência da consoante bilabial inicial de *mensus*; no português, deu-se a síncope do *m*, resultando no termo que temos hoje, “imenso”, que significa, literalmente, “não medido”, por extensão, “ilimitado”, “desmedido”, “sem medida”. Paralelamente, seguindo o curso natural, ocorreu processo idêntico em relação ao termo “imerso”, do latim *immērsūs*, em que o prefixo *in* indica movimento para dentro, penetração — outros sentidos do “in”: movimento em direção a, para junto de, aproximação, por exemplo, impelir; movimento em direção a, com ideia acessória de hostilidade, agressão, por exemplo, insultar; ingresso, entrada em um novo estado, por exemplo, incandescer; movimento para trás, renovação, por exemplo, inverter; movimento em, sobre, superposição, por exemplo, inscrever; sentido zero (esvaziamento do conteúdo semântico), por exemplo, enfraquecer (ROMANELLI, 1964, p. 68-70). Do ponto de vista etimológico, vem do indo-europeu “\**en* (variantes: \**n*, \**eni*, \**ni*, \**nei*, \**ndhi*) ‘em’ [...]” (cf. ROMANELLI, 1964, p. 70); sem dúvida, trata-se de terreno propício a confusões. Vejamos dois exemplos de cada — o primeiro de *Poesias - P* (1947) e os demais de *O guardador de águas - GA* (1989):

São mil coisas **impressentidas** (BARROS, 2010, p. 49)

Há que se dar um gosto **incasto** aos termos. (BARROS, 2010, p. 265)

Macerações de sílabas, **inflexões**, elipses, refegos. (BARROS, 2010, p. 246)

De cada vinte calangos **enlanguecidos** por estrelas (BARROS, 2010, p. 258)

Voltando ao fragmento de Silva (2009), “analfabetam” também apresenta prefixo, e, por sinal, também passa pela questão da “negatividade”, devido ao “an” privativo. Do ponto de vista etimológico, o prefixo grego ἄ “a”, ἄν “an” tem a mesma origem do latino *in*, o \**n*, grau zero da negação indo-europeia \**ne* (cf. ROMANELLI, 1964, p. 66) — o grau zero indica a não ocorrência de alternância do vocalismo radical (1964, p. 23) —; a propósito, o latim *nēgārē* “negar” contém a partícula privativa indo-europeia *ne*, por meio da forma “*nēg-*, de \**nēgi-* (<*nē* + \**ghi-*, partícula que se pospõe à negação...)” (ROMANELLI, 1964, p. 76). Em suma, o processo de verbalizar adjetivos e substantivos, apontado por C. S. Silva, recorre de modo acentuado aos prefixos, com forte tendência a se valer da partícula “in” e seus congêneres, seja com sentido básico de privação, seja com sentido básico de movimento, seja com os demais sentidos que apresentamos. Dois exemplos — o primeiro de GA e o segundo de *Concerto a céu aberto para solos de ave - CCASA* (1991):

Instala-se uma **agramaticalidade** quase **insana**, que  
**empoema** o sentido das palavras. (BARROS, 2010, p. 265)

O silêncio das coisas **anônimas**. (BARROS, 2010, p. 288)

Quanto ao grupo de palavras que Silva (2009) aponta como, este sim, criado a partir do acréscimo de prefixos, em especial do prefixo “des-”, gostaríamos de tecer uns comentários, primeiramente, sobre esse prefixo e, em seguida, sobre outros dele muito próximos. Para isso, selecionamos um fragmento de C. M. Vasconcelos e, na sequência, dispomos fragmentos de outros autores que discorreram sobre os prefixos, como Romanelli (1964), Coutinho (1974), Leoni (1858), Silveira (1951), Barreto (1980); vejamos:

Passemos aos prefixos *es-* e *des-*. Originariamente, *es-*, *eis-*, *is-*, de *ex*, denota procedência, separação expansibilidade, ou mudança de estado; ao passo que *des-* é distributivo. Mas o povo confunde os dois a cada pouco, por causa da sua semelhança fônica.

Ao lado de *despir*, *despedaçar*, *desterrar*, *destruir*, *desforço*, houve e há *espir*, *espedaçar*, *esterrar*, *estroir*, *esforço*. Um homem do povo, a que falámos de *exagêro* nos preços que pedia por uns lindos jugos à moda do Minho, replicou logo que a obra de talha levava muito tempo, que a madeira de lódão de certa largura era cara e rara, finalmente que não havia *desagêro* nenhum no preço. *Desfolhar* e *esfolhar* são variantes usadas mesmo em linguagem culta. E como êsse par há muitos outros. (VASCONCELOS, 1913, p. 94, grifos no original)

É oportuno iniciarmos a argumentação por esse trecho, vez que C. M. Vasconcelos discorre sobre dois prefixos muito próximos por sua significação e que se afiguram caros à poética barreana. A autora é taxativa quanto ao fato de o povo se confundir ao usar os

prefixos *es-* e *des-*, porém, nada impede que Manoel de Barros tire proveito desse possível equívoco, por exemplo, deixando no ar para o leitor a dúvida quanto a se estar diante de uma negação ou de uma negação da negação, portanto, de uma afirmação, ou, quiçá, de um mero reforço, graças ao conteúdo semântico de ambos. Assim, vejamos o que diz R. C. Romanelli em relação a *ex*. Por se tratar de obra com verbetes densos, que aborda vários aspectos e, sobretudo, com exemplificação mais voltada para o latim e o português arcaico, procuramos resumir as informações, adaptando-as ao português moderno, inclusive, acrescentando certos exemplos e subtraindo outros.

Desse modo, podemos afirmar resumidamente que, do ponto de vista da forma, o prefixo “*ex-*” se realiza assim: (i) “*ex-*”, antes de palavras iniciadas por vogal, oclusivas surdas *c, p, t* e pela sibilante *s*: exíguo, exclusão, expectorante, extinto, exsolução; (ii) “*es-*”, de *ex*, por dissimilação: Ésquilo, esquisito; (iii) “*e-*”, antes das oclusivas sonoras *b, d e g*, das líquidas *l, m, n e r*: ebracteadado, educação, eglânduloso, elaboração, emersão, enervação, ereção. Do ponto de vista do sentido, “*ex-*” pode significar: a) movimento de dentro para fora, saída, extração: extrair, expulsar, emergir, exportar, expulsar, espremer; b) elevação, ascensão: elevar-se, exceder, erguer; c) ausência, privação: enervar, exonerar, explicar, execrar; d) mudança de estado, passagem de um a outro estado: endurecer, efeminar, esquentar, enfraquecer, exacerbar, ensurdecer, extenuar; e) acabamento (aqui o *ex-* marca o processo chegado ao seu termo): efetuar, esgotar, esvaziar, exaurir, executar; f) aumento, reforço, intensidade: elaborar, enumerar; g) sentido zero (esvaziamento do conteúdo semântico): encher, exagerar (ROMANELLI, 1964, p. 56-61).

Do ponto de vista da etimologia, “*ex-*” vem do indo-europeu “\**eǵhs* (\**eǵhz*) ‘de, fora de’ [...] gr. ἔξ (ἐκ, ἐγ- diante de consoante) [...] (ROMANELLI, 1964, p. 61). Conforme antecipamos, o autor desenvolve bastante os verbetes, o que leva à expansão da referência, porém, julgamo-la elucidativa e, portanto, fundamental para nossa abordagem.

Quanto à ideia de “extrair” e as consequentes ideias de “separar”, de “afastar”, que levam à de “negar”, são sempre recuperáveis, possibilitando a relação com a linguagem da “negatividade”, característica de Barros.

Ainda, no tocante à forma, listamos alguns poucos encontros do prefixo com certas consoantes que não foram apontados por R. C. Romanelli, ou que foram, mas a partir de palavras do latim ou do português arcaico, logo, não vêm ao caso — evidentemente, trouxemos apenas o estágio atual do encontro. Assim, temos “*ex-*” seguido de *c* sibilante: exceção, excitação; “*es-*” seguido de fricativa labiodental surda *f*: esforço; “*e-*” seguido de fricativa labiodental sonora *v*: evasão; “*e-*” seguido de líquida vibrante *r* forte ou dobrado: erradicação.

Com vistas a suprir a falta de exemplificação para a variante “*eis-*”, sugerida por C. M. Vasconcelos, podemos pensar em eisegeze — o mesmo que exegese; já para a variante “*is-*”, não encontramos exemplo em português. Vejamos dois exemplos do prefixo “*ex-*” em Manoel de Barros — o primeiro de GA e o segundo de LI:

De um turvo cheiro órfico os caracóis o **escurecem**. (BARROS, 2010, p. 246)

Aqui até cobra **eremisa**, usa touca, urina na fralda. (BARROS, 2010, p. 307)

Quanto ao prefixo “*des-*”, C. M. Vasconcelos não explica o que entende por distributivo — não há elementos no texto que nos permitam afirmar tratar-se do que levou Bloomfield a estabelecer sua teoria distribucionalista, a mesma que, segundo Carone (2004, p. 107), permitiria a Câmara Jr. renovar “a descrição morfológica do português” —, e a informação de que o povo se serve, por exemplo, tanto das formas “despir” e “despedaçar” quanto das formas “espir” e “espedaçar”, vai ao encontro do que afirma Coutinho (1974, p. 177, grifos no original) “*des-* < *de* + *ex*. Valor semântico de separação, afastamento, ação contrária, intensidade, negação, podendo também ser expletivo: *desandar, deslembrar, desviar, desfazer, desonesto, destratar, desgastar, desinquieta*”, para quem “*des-*” é resultado da junção de *de* e *ex*; logo, pensando no poeta Manoel de Barros, podemos conjecturar um efeito estilístico com nuance de realce.

Visto que já discorremos sobre o “ex-”, para completarmos o estudo dos formantes de “des-” apontados por Coutinho, cabe tratarmos, também resumidamente, da preposição portuguesa “de”, partindo do que diz F. E. Leoni (1858, p. 44-45, grifos no original)<sup>2</sup>, para quem

É a mesma preposição que a latina *de*, a qual denota: — *movimento de um ponto de partida*, como o da pedra que despenhada do cume do monte rola pela encosta, pela falda, pela planície, e não se sabe quando e onde ha de parar. D'esta primitiva idéa, que é a mesma que a de *afastamento*, provém naturalmente a de — *diminuição, privação e falta*. [...] Da idéa de movimento de um ponto de partida nasce tambem a de — *logar e parte d'onde* — e a de — *origem e principio d'onde alguma coisa vem, ou procede*. [...] A referida idéa de origem e principio d'onde alguma coisa vem, ou procede, conduz á de — *extracção*. [...] Da idéa de extracção vem mais a de — *parte de um todo*. [...].

Apropriada a imagem da pedra em movimento se distanciando de seu ponto de partida, de sua origem, seu ponto de procedência; sugerindo a noção de diminuição, na medida em que aquilo que se desprende do conjunto que constitui o todo retira parte do todo, privando-o daquilo que é, como na frase “Comeu do bolo”, em que temos as ideias de “origem, de todo, de diminuição, de parte, de afastamento”, vez que o ato de comer — o ponto de origem da realização do ato — se dá a partir do bolo, que é o todo diminuído da parte que é afastada.

F. E. Leoni discorre sobre o “de” no campo da sintaxe. Vejamos agora, também de maneira resumida, o que afirma R. C. Romanelli sobre o “de-” como prefixo, no campo da morfologia — no contexto de nossa pesquisa. Essas considerações completam o fragmento de Vasconcelos (1913) e de Coutinho (1974) sobre o prefixo “des-”, o mais profícuo dentre os que constituem a ideia de negatividade na poética barreana.

Quanto à forma, diferentemente do que ocorre com “ex-”, em português, “de-” não sofre variação. Quanto ao sentido, pode significar: a) movimento de cima para baixo, descida, queda: descer, demolir, derrubar, destruir; b) afastamento, separação, repulsa, aversão: desviar, delirar, deslocar, derivar, detestar; c) diminuição, redução, desgaste: decrescer, deduzir, degenerar, deteriorar; d) privação, negação, antonímia: deslocar, dever, debilitar, desesperar, desacostumar; e) acabamento, consumação: debelar, derrotar; f) intensidade: demasiar, detonar; g) sentido zero (esvaziamento de conteúdo semântico): dealbar, deambular (ROMANELLI, 1964, p. 47-51). Do ponto de vista etimológico, “de-” vem do indo-europeu

\**de-*, \**dō-*, partícula dística, de uso prepositivo e pospositivo:

a) ie. \**de-*: av. *vaesman-da*, gr. -*δε* em *ὅ-δε* [pron. demonstr. “este”], *τό-δε* [pron. demonstr. “isto”], *ἐνθά-δε* [adv. “aqui mesmo”], lat. *quan-de*, *quam-de* [adv. “quanto, quão, como, até que ponto”], *in-de* [adv. I. “de lá, daí, daquele lugar, donde”, 2 “desde então, a partir desse momento”], *un-de* [adv. “d’onde”].

b) ie. \**dō-*: lat. *dō-ni-cum*, *dōnec* [conj. “enquanto, durante que, tanto que”] (< \**dō-ne-que*), *quan-do* [adv. “quando, em que tempo”], irl. *do-du*, ang.-sax. e a.sax. *to*, ing. *to*, aaa. *zuo*, al. *zu*. A mesma partícula é enclítica no a. lat. *en-do*, *in-du* [prep. arc. “em, sobre, a respeito de”] [...].

c) Ítalo-céltico \**dē* ‘de, do alto de’: falisco *de*, osco *dat*, úmbrio *da*, a. irl. *dī*, a. cimbr. *dī*, brit. *dī* [...]. (ROMANELLI, 1964, p. 51, tradução nossa)

Segundo Silveira (1951, p. 14), “É a preposição DE das mais freqüentes, senão a mais freqüente e de mais variado uso nos idiomas românicos [...]”, e esse quadro apresentado por R. C. Romanelli, o qual só registramos para ilustrar um pouco seu espectro, oferece uma breve visão do quão se espalhou pelo mundo antigo esse elemento linguístico. Como podemos mais uma vez constatar, sua origem é fundamentalmente dística, isto é, trata-se de um mostrativo, situa no espaço; as demais funções são decorrentes dessa, por extensão ou por ampliação semântica. Sendo usado como preposição no indo-europeu, conforme vimos a partir de F. Saussure, passou a desempenhar também o papel de prefixo ao longo de sua evolução linguística.

No excerto que extraímos de Silva (2009) sobre o poeta, a autora listou uma série de palavras que contêm o prefixo “des-”, porém, nenhuma com o “de-”; como vimos por nossa explanação, ambos os prefixos podem desempenhar o mesmo papel básico de

<sup>2</sup> Mantida grafia do original – procedimento que, por sinal, adotamos em todo o texto.

negação/privação, o qual desempenham com frequência em Manoel de Barros. Podem, também, desempenhar outras funções. Vejamos dois exemplos de cada – o primeiro de GA, o segundo e o terceiro de LI, e o quarto de *Retrato do artista quando coisa* - RAC (1998):

Eu sei **desigualar** por três. (BARROS, 2010, p. 246)

**Descomo** sem opulências... (BARROS, 2010, p. 313)

Aqui a aranha não **denigre** o orvalho. (BARROS, 2010, p. 312)

Uso um **deformante** para a voz. (BARROS, 2010, p. 360)

Em sua explanação, R. C. Romanelli apresenta um verbo que apresenta o “de-” com sentido zero, em que ocorre esvaziamento de sentido. O poeta pantaneiro o utiliza no verso “**Deambulo** aos esgarços” (RAC) (BARROS, 2010, p. 360). A questão é: será mesmo que o poeta estaria utilizando esse prefixo com sentido esvaziado, sendo ele tão afeito à linguagem do “des-”? Segundo nos parece, sua intenção é deixar ao leitor a dúvida.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme dissemos no início, este artigo é parte de um trabalho maior que estamos fazendo sobre Manoel de Barros, um escritor hermético, difícil de perscrutar, pois, por trás de sua aparente simplicidade, há muito esmero no trato com as palavras, o que exige acuro de quem deseja adentrar seu universo poético.

Aqui, valendo-nos de um estudo de Silva (2009), procuramos penetrar nesse universo por meio de breves considerações de caráter morfoestilístico acerca dos prefixos pertencentes à chamada linguagem do “des-”, cara ao poeta, e que pretendemos explorar mais a fundo em outra ocasião, pois há muito mais a ser discutido. Precisamente por isso, limitamo-nos, quase que exclusivamente, a apontar os exemplos em que as possibilidades de análise aparecem, direcionando o texto para considerações de ordem histórica.

Conquanto não tenhamos apresentado um estudo vasto sobre os prefixos, o trabalho tendeu um pouco para o lado linguístico-gramatical, assumindo ares etimológicos; todavia, segundo nos pareceu, o que discorremos no sentido literário foi suficiente para demonstrar que a poesia barreana é campo fértil para explorações morfoestilísticas.

Assim, julgamos que a criatividade reclamada por Martins (2003), quando reflete sobre a baixa produtividade estilística propiciada pela derivação prefixal, pode ser encontrada com fartura em Manoel de Barros, pois os prefixos constituem uma porta assaz convidativa para se adentrar em seu rico universo poético.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2010.

BARRETO, Mário. *Novíssimos estudos da língua portuguesa*. 3. ed., fac-similar. Rio de Janeiro: Presença / Fundação Casa de Rui Barbosa - MEC; Brasília: INL, 1980.

BÍBLIA SAGRADA. Português. *A Bíblia Sagrada*: contendo o velho e o novo testamento. Trad. João Ferreira D’Almeida (edição revista e corrigida). Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1941.

CARONE, Flávia de Barros. *Morfossintaxe*. 9. ed. 7. impr. São Paulo: Ática, 2004.

- CASTILHO Ataliba T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. 6. ed. rev. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974.
- FIGUEIREDO, Candido de. *Problemas da linguagem*. Vol. 1, 2. ed. melhorada. Lisboa: Livraria Clássica Editora - A. M. Teixeira & C.<sup>ta</sup>, 1910.
- GRAÇA, Heráclito. *Fatos da linguagem: esboço crítico de alguns assertos do sr. Cândido de Figueiredo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005.
- GUIRAUD, Pierre. *A estilística*. Trad. Miguel Maillat. São Paulo: Editôra Mestre Jou, 1970.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda. 2009.
- JOTA, Zélio dos Santos. *Dicionário de linguística*. Rio de Janeiro: Presença, 1976.
- LAPA, M. Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*. 6. ed. Rio de Janeiro: 1970.
- LEONI, Francisco Evaristo. *Genio da lingua portugueza*. Tomo II. Lisboa: Typographia do “Panorama”, 1858.
- MARTINS, Nilce Sant’Anna. *Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa*. 3. ed. rev. e aumentada. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 2003.
- MELO, Gladstone Chaves de. *Ensaio de estilística da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.
- MICHELETTI, Guaraciaba. Repetição e significado poético (o desdobramento como fator constitutivo na poesia de F. Gullar). *Filologia e Lingüística Portuguesa*, São Paulo, n. 1, p. 151-164.
- MURACHCO, Henrique. *Língua grega: visão semântica, lógica, orgânica e funcional*. Vol. I, Teoria. São Paulo: Discurso Editorial / Editora Vozes, 2001.
- PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática expositiva - curso superior*. 64. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Prefácio de Serafim da Silva Neto. 22. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1982.
- ROMANELLI, Rubens Costa. *Os prefixos latinos – da composição verbal e nominal, em seus aspectos fonético, morfológico e semântico*. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade de Minas Gerais, 1964.
- SAID ALL, M. *Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa*. 3. ed. Brasília: Editôra Universidade de Brasília, 1964.
- SARAIVA, F. R. dos S. *Novíssimo dicionário latino – português “etimológico, prosódico, histórico, geográfico, mitológico, biográfico etc.”*. 12. ed. Rio de Janeiro / Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2006.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 7ª edição. São Paulo: Editora Cultrix, 1975.

SILVA, Célia Sebastiana. Manoel de Barros: sem margens com as palavras. *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v. 19, n. 7/8, p. 541-550, jul./ago. 2009. Disponível em: <seer.ucg.br/index.php/fragmentos/article>. Acesso em: 26 jan. 2015.

SILVEIRA, Sousa da. *Sintaxe da preposição de*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1951.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de. *Lições de filologia portuguesa: segundo as preleções feitas aos cursos de 1911/12 e de 1912/13 - seguidas das lições práticas de português arcaico* São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 1913.

**Recebido em 23/02/2016. Aceito em 23/03/2016.**